

# LUSOFONIA, CULTURA E IDENTIDADE: O CASO MOÇAMBICANO

**CAMILA CESÁRIO LÉRCO\***

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa (PEPGLP), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 2 fev. 2020. Aprovado em: 23 abr. 2020.

Como citar este artigo: LÉRCO, C. C. Lusofonia, cultura e identidade: o caso moçambicano. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 1, p. 80-90, jan./abr. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n1p80-90

## Resumo

O trabalho discute os conceitos de lusofonia, cultura e identidade à luz do contexto moçambicano. Defendemos que, na atualidade, nos estudos lusófonos, esses conceitos têm atuado de forma conjunta, sendo inseparáveis. A lusofonia, por se tratar de um universo diverso, consegue abarcar diferentes culturas e identidades, como as de Moçambique. Assim, o objetivo é refletir sobre o modo como esses conceitos atuam no caso moçambicano, especialmente no que tange à sua literatura. Para tanto, fazemos uma análise de trechos dos contos “Os

---

\* E-mail: [camila.lerco@gmail.com](mailto:camila.lerco@gmail.com)  
 <https://orcid.org/0000-0002-4706-3661>

pássaros de Deus”, de *Vozes anoitecidas*, e “Pranto de coqueiro”, de *Estórias abensonhadas*, ambos de Mia Couto.

## Palavras-chave

Lusofonia. Identidade cultural. Moçambique.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De início, acreditamos ser importante explicar de que lusofonia estamos falando. Para além do aspecto da língua portuguesa como denominador comum, tratamos aqui de uma lusofonia plural, que deseja preservar as especificidades de cada região em que se pratica o português. Assim, ao refletirmos sobre a lusofonia, precisamos ter em conta não apenas o elemento linguístico, mas também dois outros, como a cultura e a identidade, pois ela é um espaço de língua, de cultura e de estabelecimento e reforço de identidades.

Conforme Mattoso Câmara Jr. (1955), a língua é cultural porque serve ao propósito da comunicação social e deve expressar a cultura. Ela seria o meio em que a cultura se propagaria. Dessa forma, a língua portuguesa teria o intuito de permitir a comunicação entre os diferentes povos que falam essa língua e de transmitir também a cultura desses povos. Não se trata de usar o português apenas para versar sobre temas que são específicos desse idioma, mas de levar a conhecer também as particularidades de seus diferentes falantes.

Nesse sentido, abordamos aqui uma lusofonia de multiculturalidades e de várias identidades, em que a língua portuguesa coexistiria de forma tranquila com uma gama de sentimentos, impressões, visões de mundo, tradições culturais e outras línguas. Um campo imaginário que iria além de fronteiras geográficas e que aceitaria a diversidade, considerando seus pares na horizontalidade.

Assim, essas breves considerações nos remetem ao objetivo do trabalho, que é pensar essas questões no âmbito do contexto moçambicano. Por isso, este texto segue o seguinte caminho: primeiro trataremos dos conceitos de lusofonia, cultura e identidade e de sua relação indubitavelmente inseparável e depois conduziremos uma reflexão já na esfera moçambicana, no tocante especial à sua literatura.

## LUSOFONIA, CULTURA E IDENTIDADE: UMA SEPARAÇÃO IMPOSSÍVEL

Segundo Bastos e Brito (2011), a lusofonia deve ser pensada dentro de um sistema sociocultural e linguístico que partilha não apenas a língua em comum, mas também uma pluralidade de diferenças. Seria um espaço simbólico daqueles que falam a mesma língua, a portuguesa, mas que preservaria as características culturais e identitárias desses falantes:

[...] a lusofonia é um espaço simbólico linguístico e, sobretudo, cultural no âmbito da língua portuguesa e das suas variedades que, no plano geossociopolítico, [...] pretende conciliar diversidades e afinidades linguísticas e culturais com a unidade que estrutura o sistema linguístico do português (BASTOS; BRITO, 2011, p. 145).

Desse modo, por se tratar de um universo diverso, a lusofonia conseguiria abarcar diferentes culturas e identidades. Ainda que os locais em que se fala português sejam diferentes entre si, cada qual com as próprias questões históricas, econômicas, sociais, políticas, ideológicas e mesmo linguísticas, é na lusofonia que essas diferenças poderiam se combinar.

Para Durkheim (*apud* BASTOS; BRITO; BRIDI, 2016), como se sabe, a cultura é social, ou seja, é algo externo ao indivíduo, surgindo na relação com um grupo social, do qual o sujeito adquire traços. De acordo com Stuart Hall (2006), a identidade não é fixa, variando de acordo com os sistemas culturais em que se insere. Assim, ao falarmos de espaços lusófonos, falamos de grupos sociais diferentes que possuem uma cultura própria, que lhes garante uma identidade. A lusofonia, então, dá conta dessas variadas culturas e identidades ao mesmo tempo que não nega a origem desses mesmos povos e o que lhes é comum.

Nesse âmbito de discussão, devemos lembrar também que cada comunidade lusófona tem um passado histórico que é só seu e que atua influenciando mais ou menos o seu presente e, provavelmente, o seu futuro. Em relação especificamente a Portugal, Brasil e Moçambique, só para dar alguns exemplos, temos que cada um desses países enxerga a lusofonia de forma diferente, o que perpetua ou não seu vínculo com ela na contemporaneidade.

Namburete (2006) apresenta três considerações tecidas por esses países a respeito da lusofonia. O autor afirma que Portugal a vê como uma questão

óbvia, diz que o Brasil a trata com naturalidade e acrescenta que Moçambique a concebe com ceticismo. De fato, dos três países, Moçambique é o que vê hoje a lusofonia com mais desconfiança, dado seu passado de dominação portuguesa.

Bastos e Arakaki (2016), caminhando também na esteira de entender a aceitação do conceito por Brasil, Moçambique e Portugal, expõem, no texto “Múltiplos olhares sobre lusofonia: Brasil, Moçambique e Portugal”, depoimentos de quatro importantes intelectuais desses países na atualidade: José Luiz Fiorin (Brasil), Armando Jorge Lopes (Moçambique), Eliseu Mabasso (Moçambique) e Moisés de Lemos Martins (Portugal).

Para Fiorin, o Brasil é um território diverso unido pela língua portuguesa, com peculiaridades brasileiras que estabelecem sua identidade nacional e seu sentimento de pertencimento a esse espaço. Nesse sentido, o povo brasileiro vê a lusofonia como algo já resolvido, pois já teria havido tempo suficiente para construirmos nossa brasilidade. No entanto, o autor não crê na possibilidade de uma amplitude transnacional da lusofonia, como um universo de livre comércio e de circulação de pessoas.

Lopes, por sua vez, traz a questão do grande número de línguas maternas que existem em Moçambique e que concorrem com a língua portuguesa. Para ele, é possível haver a coexistência entre essas línguas e o português, pois a lusofonia seria capaz de preservar as diferenças, entretanto, o fato de a colonização portuguesa ainda estar bem viva na memória da população moçambicana não tem permitido um bom olhar em relação à língua portuguesa, a língua do colonizador. E isso tem sido um problema para a construção dessa lusofonia.

Mabasso, então, acredita que o conceito exige uma norma para as variedades do português existentes nos territórios da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), o que poderia ampliar a promoção da língua e cultura portuguesa em países onde se fala esse idioma.

Por fim, Martins segue na direção de que é preciso ver a lusofonia como um movimento linguístico e cultural que tem características semelhantes e diferentes, as quais devem ser respeitadas.

Logo, notamos o modo como cada país concilia hoje a lusofonia com suas questões de constituição. Esse movimento acontece de forma diferenciada entre eles porque, como referenciado pelos autores, foi entre os portugueses que nasceu o termo, assim, obviamente, sempre serão reconhecidos por isso e não têm problema em aceitar a lusofonia e em admitir sua importância; por sua vez, o povo brasileiro entende o conceito como algo já acertado, mesmo

porque quase dois séculos nos separam de Portugal; porém, no caso de Moçambique, como já adiantamos, a lusofonia é enxergada com desconfiança e descrença por suas populações, visto que o país esteve sob o domínio português por quatro séculos, tendo conseguido sua independência apenas em 1975, após uma intensa luta armada. Assim, as marcas da colonização ainda estão muito vivas no seu cotidiano hoje, assombrando-o. Além disso, também sabemos que lá existem muitas línguas locais que concorrem com o português e que acabam sendo o meio pelo qual seus falantes preferem se expressar e se comunicar no dia a dia, sem normas ou políticas linguísticas que orientem os usos de qualquer uma dessas línguas. Há, portanto, no território, um sentimento negativo em relação à língua portuguesa, por ter sido a língua do colonizador, então as comunidades preferem se manifestar mais nas suas línguas maternas, para manter suas tradições e seus valores.

Nessa linha, a lusofonia não pretende menosprezar origens, culturas e identidades, antes procura tornar-se um sistema transnacional que tenha em comum a língua portuguesa, mas só, respeitando as diferenças e não aceitando protagonistas. No contexto da globalização e do neoliberalismo econômico, em que informações, ideias, capitais, mercadorias e pessoas circulam livremente, o universo lusófono vem agregar, ampliando possibilidades para o presente e futuro, pois também é um espaço de mercado, de comunicação e de interação. Ele pode tornar possível a união entre os membros lusófonos e a abertura para o mundo, aumentando as relações econômicas e gerando possibilidades de crescimento e prosperidade.

Apesar disso, em relação a Moçambique, sabemos como é complicado para o território equacionar com a língua portuguesa – língua de prestígio das transações econômicas internacionais, das escolas e das universidades – seus elementos culturais, suas muitas outras línguas e seu passado criado sobre anos de colonização e sobre um violento conflito armado para a conquista da independência. Brasil e Portugal não passaram pelo que Moçambique passou, uma vez que a colonização no Brasil durou um tempo menor e o país não teve que pegar em armas para lutar pela independência, e Portugal, por sua vez, o colonizador, após resolver suas questões no âmbito da ditadura salazarista, ganhou um lugar no respeitoso bloco da União Europeia, destacando-se, de certa forma, no mundo. Assim, os moçambicanos parecem ter mais motivos para ver a língua portuguesa, a língua do dominador, com maus olhos.

E, no interior desse problema, temos também outro, que é a relação entre tradição e modernidade. De um lado, há o português, língua da modernidade,

que traria a abertura do mercado econômico, o acesso às informações, às tecnologias e à instrução e a possibilidade de ascensão social; do outro, estão os modos tradicionais de viver dos moçambicanos, que são mantidos pelas línguas locais. Dessa maneira, como conservar suas formas de ser e de estar no mundo e abrir-se para o novo, para o progresso? Como balancear isso tudo de modo que nada seja anulado? Hoje, os moçambicanos aceitam o português como um mal necessário, mas ainda é um mal, um mal de que eles precisam para se desenvolver como nação e um mal que eles acreditam que descaracteriza seu jeito de existir.

Lopes (2014) menciona a ideia de naturalização do português no contexto moçambicano. Segundo ele, trata-se da aceitação do português como necessário para as novas realidades e do reconhecimento de que ele tem uma função. Nesse sentido, talvez a lusofonia pudesse ser esse lugar em que os moçambicanos veriam um propósito para o português, o propósito de acesso, de comunicação, de união com os de fora. Lugar em que pudessem se sentir contemplados, balanceando línguas, cultura, tradição e progresso, não negando o que lhes é característico. Lugar, portanto, em que seus modos de ser pudessem coexistir com outros num movimento de troca, com respeito às diferenças e sem subjugação, fazendo surgir uma nova forma de olhar o mundo.

## O CASO MOÇAMBICANO

Levando essa discussão à literatura, produto máximo da língua, em especial à literatura moçambicana, observamos, no entanto, que seus escritores não se posicionam ao lado do sentido de lusofonia que acabamos de descrever, antes se preocupam muito em exaltar o que é endógeno, valorizando temáticas que resgatem o contexto histórico-social e cultural moçambicano. A língua de produção é a oficial portuguesa, mas eles procuram embebê-la de traços das línguas locais e de seu universo – como usar alguns termos específicos dessas línguas e trazer temas comuns das comunidades, como a ancestralidade e a valorização da terra natal, entre outros – de modo a dar espaço às identidades locais, que teriam sido apagadas durante a colonização, e ressaltar a tradição nesse momento de globalização, em que o capital seria mais importante que pessoas e em que se permitiria uma política de exclusão em relação ao diferente. Mia Couto, por exemplo, desarranja o leitor ao brincar

com a língua portuguesa de maneira a assinalar que o que escreve, embora esteja em língua portuguesa, faz parte de um universo moçambicano.

Na sequência, a título de exemplificação desse posicionamento de escritores moçambicanos, apresentamos dois trechos de dois contos de Mia Couto, primeiramente um de “Os pássaros de Deus”, do livro *Vozes anotecidas* (2013), e depois um de “Pranto de coqueiro”, da obra *Estórias abençoadas* (2012).

Por cima, a *mafurreira* guardava o recado agreste do sol. Mas Timba não escutava a árvore, os olhos espreitavam-lhe a alma. E pareciam cegos, que a *dor poeira* que nos vai vazando a luz. [...]

E sentia a fadiga de trinta anos a pesar-lhe na vida. Lembrou as palavras de seu pai, feitas para lhe ensinar coragem:

– Está ver o caçador, maneira que ele faz? Prepara a zagaia momento que ele vê a gazela. Enquanto não, o pescador não pode ver o peixe dentro do rio. O pescador acredita uma coisa que não vê.

Aquela era a lição do há-de vir da vida e ele, agora, lembrava as sábias palavras. Fazia-se tarde e a fome avisou-o da hora de voltar. Começou a mover o barco enquanto deitava os últimos olhares para lá, atrás das nuvens. Foi então que um pássaro enorme passou no céu, parecia um rei satisfeito com a sua própria grandeza. O bicho, no alto, segurou-lhe os olhos e uma inquietação estranha nasceu dentro de si. Pensou:

“Se aquele pássaro casse agora meu *concho*!” (Concho: canoa.)

Pronunciou alto aquelas palavras. Mal se calou, o pássaro sacudiu as enormes asas e, bruscamente, *desvoou, desvoou*, em direcção à canoa. Tombou, parecia despedido da vida. [...]

Timba pegou nele, pesou-lhe a carne para lhe adivinhar o caril. Afastou a ideia e, com um empurrão, ajudou a ave a retomar o voo.

– *Suca* (Suca: Fora daqui!) pássaro, vai donde vieste! (COUTO, 2013, p. 49-50, grifos nossos).

Nota-se, nessa passagem, o destaque a um elemento da terra moçambicana, a árvore “mafurreira”, comum dessa região, além da menção a tradições locais, como a importância dos antepassados e de seus ensinamentos, transmitidos ao longo do tempo a seus herdeiros, como as palavras do pai que ensinam lições ao personagem de como ter coragem.

Também vemos a presença de algumas palavras das línguas maternas, as quais o próprio autor traduz, como “concho” (canoa) e “suca” (fora daqui). E percebemos ainda as recriações que Mia Couto faz a partir de termos da língua

portuguesa, como “dor poeira” (associando dois substantivos, e um deles, dor, ganha a carga de adjetivo) e o verbo “desvoar” (termo formado por derivação prefixal, cujo sentido é desfazer o voo).

No extrato a seguir, o mesmo conteúdo temático (a questão do pertencimento à terra de origem e o papel da ancestralidade na vida dos vivos) e o mesmo estilo (uso de neologismos para causar estranhamento) estão presentes. Além de haver também um vocábulo das línguas maternas, “xicuembos”.

Tudo começou quando, sentado na marginal de *Inhambane*, meu amigo Suleimane Ibraímo partiu a casca de um coco. Pois de dentro do fruto não jorrou a habitual água-doce mas sangue. *Exactamesmo*: sangue, certificado e indiscutível sangue. Mas não foi o único pasmo do assunto. Do fruto brotou ainda humana voz em choros e lamentos. Suleimane não esteve com meias desmedidas: as mãos boquiabertas deixaram tombar o coco e o vermelho se espalhou em mancha. Ficou assim, *atarantonto*, *trapalhaço*, sem gota. O susto lhe fez esvaír a alma em maré baixa.

[...]

Não que o lugar não nos desse um minucioso descanso. *Inhambane* é uma cidade de modos árabes, sem pressa de entrar no tempo. As casas pequenas, *obsclaras*, suspiram no cansaço desse eterno medir forças entre a cal e a luz. As ruas estreitas são boas de namorar, parece que nelas, por mais que andemos, nunca nos afastamos de casa.

[...]

Interdito colher, interdito vender. O fruto não maduro, o lenho como é chamado, é para ser deixado na tranquila altura dos coqueiros. Mas agora, com a guerra, tinham vindo os de-fora, mais crentes em dinheiro que no respeito dos mandamentos.

[...] Mas o sagrado tem seus métodos, as lendas se sabem defender. Variadas e terríveis maldições pesam sobre quem colhe ou vende o proibido fruto. Os que compram apanham a tabela. A casca sangrando, as vozes chorando, tudo isso são *xicuembos*, feitiços com que os antepassados castigam os vivos (COUTO, 2012, p. 69-72, grifos nossos).

Observamos um elemento da natureza e da terra *Inhambane*, o coco, que jorra sangue em vez de água, além de chorar e lamentar com voz humana, queixando-se em relação aos que mexem com os elementos da terra de maneira inadequada, como retirar os cocos ainda verdes de sua árvore de origem.

Vislumbram-se também aspectos da tradição local, como é o caso da história desses coqueiros, contada pelos habitantes do lugar: o fruto não maduro

é sagrado e não pode ser cortado, deve ficar lá sem interferências, e, se isso não acontecer, os feitiços (“xicuembos”) dos antepassados castigarão os vivos.

E, para criar a atmosfera de uma interferência de fora sem controle, no funcionamento do espaço moçambicano, Mia Couto recorre aos neologismos, como “exactamesmo”, “atarantonto”, “trapalhaço”, “obsclaras”, para provocar um estranhamento no leitor. Tão incoerentes ou espantosas seriam essas palavras quanto a crueldade e o aniquilamento dos recursos naturais de seu espaço de origem. Assim, ainda que em língua portuguesa, esses termos só fariam sentido em um universo não português, mas sim moçambicano.

A terra, espaço original de pertencimento a um determinado grupo com modos de vida específicos, surge como caminho para trazer à tona conflitos sociais e outras questões relativas ao cenário moçambicano, que abriga modos de vida e de ver o mundo, como a ancestralidade, que caracterizam e tornam especial uma forma singular de viver. A terra é o lugar de origem, acolhe o indivíduo, afirma suas tradições culturais, fornece o sustento, os cuidados necessários e pode ser capaz de instituir a sua identidade junto ao grupo que vai compartilhar desses mesmos mecanismos socioculturais marcados historicamente. Procurando dar conta de tais relações sociais, a língua e, por extensão, a literatura vão oferecendo os contornos de uma realidade que procura construir traços de uma identidade formada a partir de um resgate de elementos históricos e culturais que sinalizem para outras relações livres, estas, das interferências externas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, reparamos que, apesar das intenções e dos esforços de teóricos dos estudos lusófonos em fazer a lusofonia ser vista como mais do que um espaço em que se fala português, como vimos, a diversidade que existe nas regiões lusófonas oferece múltiplas recepções desse conceito na atualidade. Moçambique tem receio em abraçá-la, pois ainda a vê como o canal de interferência do invasor. Ainda que a língua portuguesa seja importante para o país e que tenha sua função, como afirma Lopes (2014), são poucos os que realmente a utilizam em suas ações cotidianas, uma vez que estão mais acostumados a suas línguas maternas, as quais, acreditam, lhes garantem melhor a transmissão de sua cultura e a formação e a afirmação de suas identidades.

Pensamos que o país caminha lentamente para a aceitação da lusofonia no seu sentido de parceria entre membros de origem comum portuguesa, porque o desejo moçambicano ainda é ressaltar o que é local, da terra, como sua cultura, suas línguas maternas, em detrimento daquilo que viria de fora, que não pertenceria a eles realmente, sendo supostamente trazido pela língua portuguesa. Nesse sentido, embora na lusofonia caiba esse sentimento de manifestação das diferenças, parece que a balança se desequilibra quando se compararam essas diferenças ao que há de comum, a língua portuguesa.

## Lusophony, culture and identity: the Mozambican case

### Abstract

The paper discusses the concepts of lusophony, culture and identity in the light of the Mozambican context. We argue that, at present, in Lusophone Studies, these concepts have been acting together, being inseparable. Lusophony, because its diverse universe, manages to encompass different cultures and identities, such as those in Mozambique. Thus, the objective is to reflect on the way in which these concepts operate in the Mozambican case, especially with regard to its literature. For this purpose, we make an analysis of excerpts from the short stories “Os pássaros de Deus” from *Vozes anoitecidas*, and “Pranto de coqueiro”, from *Estórias abensonhadas*, both by Mia Couto.

### Keywords

Lusophony. Cultural identity. Mozambique.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, N. B.; ARAKAKI, N. A. Múltiplos olhares sobre lusofonia: Brasil, Moçambique e Portugal. In: BRITO, R. P. de; BASTOS, N. B.; BRIDI, M. V. (org.). *Estudos lusófonos: múltiplos olhares*. São Paulo: Terracota, 2016. p. 65-89. (Coleção Lusofonia, v. 3).

BASTOS, N. B.; BRITO, R. P. de. Mia Couto: “somando colorações” no vocabulário da lusofonia. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 28, p. 143-157, jan./jun. 2011.

BASTOS, N. B.; BRITO, R. P. de; BRIDI, M. V. Cultura, lusofonia e identidade: relações. In: BRITO, R. P. de; BASTOS, N. B.; BRIDI, M. V. (org.). *Estudos lusófonos: múltiplos olhares*. São Paulo: Terracota, 2016. p. 7-19. (Coleção Lusofonia, v. 3).

COUTO, M. Pranto de coqueiro. *In: COUTO, M. Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 69-73.

COUTO, M. Os pássaros de Deus. *In: COUTO, M. Vozes anoitecidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 49-56.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, A. J. Língua portuguesa em Moçambique: as timakas e os milandos revisitados. *In: BASTOS, N. B. (org.). Língua portuguesa e lusofonia*. São Paulo: Educ, 2014. p. 35-51.

MATTOSO CÂMARA JR., J. Língua e cultura. *Letras*, Curitiba, v. 4, 1955. p. 51-59.

NAMBURETE, E. Língua e lusofonia: a identidade dos que não falam português. *In: BASTOS, N. B. (org.). Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: Educ, 2006. p. 63-74.